

BICALHO, Gabriel; DONADON-LEAL, José Benedito; LEAL, Andreia Donadon; FERREIRA, José Sebastião. *Ventre de Minas: poesia*. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2009, 124p.

Evoé aldravismo: poesia de Minas

José Luiz Foureaux de Souza Júnior, Ph.D.¹

RESUMO: Texto de apresentação de livro de poesia *Ventre de Minas*, publicado pelo grupo e poetas aldravistas de Mariana, Minas Gerais. O volume reúne parte da produção poética do grupo, neste caso, tematizando Minas Gerais como espaço metonímico de criação poética. A apreciação crítica que marca o discurso da apresentação tem por objetivo instigar a leitura desta importante produção poética da atualidade.

Palavras-chave: Leitura; Poesia; Aldravismo; Minas Gerais; Metonímia

ABSTRACT: Presentation of poetry's text book *Ventre de Minas*, published by the group of poets "aldravistas", from Mariana, Minas Gerais. The volume brings together part of the group's poetry, in this case, thematising Minas Gerais as metonymic space of poetic creation. A critical appreciation of the speech marking the presentation is to tantalize the reading of this important poetic production today.

Keywords: Reading; Poetry; Aldravismo; Minas Gerais; Metonymy

O trocadilho é a segunda arte mais antiga da humanidade, ficando atrás (no bom sentido) apenas da boa e velha prostituição. Registros de trocadilhos podem ser encontrados ao longo de toda a história humana. O seu nome mais "erudito" é Paronomásia ou paronomásia: figura de estilo que consiste no emprego de palavras parônimas (com sonoridade semelhante) numa mesma frase: espécie de jogo de palavras que apresentam sons semelhantes ou iguais, mas que possuem significados diferentes, de que resultam equívocos por vezes engraçados. No discurso, pode ser reconhecido como o uso de expressão que dá margem a diversas interpretações. A etimologia ensina que a palavra é formada da seguinte maneira: trocado + *-ilho*. A língua espanhola cunhou expressão curiosa: *a la trocadilla*, que significa "às avessas".

Os trocadilhos constituem um dos recursos retóricos mais utilizados em discursos humorísticos e publicitários. Resulta sempre da semelhança fonética ou sintática de dois enunciados cuja conjunção, comparação ou subentendido (enunciado elíptico, não referido direta-

¹ Professor Adjunto de Literatura Luso-Brasileira, Universidade Federal de Ouro Preto

mente) cria um efeito inesperado, intencional ou não, aproveitando a sonoridade similar e o efeito de surpresa sobre o ouvinte ou o leitor da junção de significados díspares num mesmo contexto. Os trocadilhos mais frequentes são cacofonias em que uma determinada palavra é pronunciada de forma a parecer outra, geralmente com intenção humorística, maliciosa, obscena e/ou grosseira.

De uma forma ou de outra, penso que o trocadilho pode ser um curioso e interessante instrumento de abordagem do fenômeno poético. Inventam tanta coisa, codificam inúmeras regras, estipulam tantos critérios... Penso que mais um vai fazer diferença mínima. A placidez da superfície da crítica autorizada não há de se abalar. Por isso, penso que o trocadilho é a feliz chave de leitura do volume em epígrafe. Livro de poesia, matéria inconsútil, fruto de trabalho de urdiduras múltiplas e infinitas: fenômeno cultural. Explico-me.

A ideia do trocadilho, para mim, nasce no próprio título do volume – *Ventre de Minas*. Pensem comigo. A expressão pode significar um local que gera minas, como minas de ouro e prata, minas de ideias, minas de palavras. Por outro lado, pode também significar o ventre mesmo de Minas, onde Minas Gerais nasceu. De certa forma, o segundo sentido fica mais explícito, dada a origem do movimento aldravista. Na História da Literatura Brasileira, Minas Gerais comparece, repetidas vezes, como fonte de inovações, renovações, protestos: dinamismo da criação literária, herdada, como as demais mundo afora, da antiguidade do próprio homem. Desde os arcades, esta tradição se consolida. Em vários momentos, a ribalta foi ocupada por nomes mineiros, radicados ou não nas alterosas. De um e/ou de outro modo, Minas Gerais sempre pontuou a poesia com centelhas de beleza e criatividade.

O movimento aldravista, nessas quatro vozes poéticas, que passaram à fase da gestação nesse *Ventre de Minas*, é um exemplo: o aldravismo, metonimicamente bate à porta do cânone, clamando por atenção – devida e merecida – em acordes poéticos concertados por memórias, releituras, visadas e retornos poéticos. São os quatro cavaleiros de um novo apocalipse, em nada e por nada destruidor. É assim que eu os chamo, carinhosamente. A poesia deles harmoniza uma proposta de poesia para ser debatida, degustada, desvendada, ao sabor da História de vida de cada leitor. Quatro livros em um. Cada um deles é “um continente metonímico de uma possível particularidade de Minas”.

Gabriel Bicalho cria, em palavras, as metonimizadas das aldravas, símbolos de uma cultura social – tricentenária em Minas – chamando a atenção de quem está “fechado”, dentro

de casa. José Benedito Donadon-Leal, discursivamente, também metonimiza as batidas das aldnavas – sons que se misturam a sentimentos e ideias, provocando as retinas – por vezes cansadas – de leitores possíveis: uma provocação que clama por horizontes mais amplos. Andreia Donadon Leal e seus frutos, frutos de mulher e da terra, frutos verbo-visuais que alimentam a imaginação metonímica de quem se aventura por seu jogo de sedução pela palavra que visualiza o desejo. José Sebastião Ferreira, como um bebê carinhoso, clama pela maternidade de Minas – aventura existencial que não perde jovialidade, numa indisfarçada infância que se eterniza nas minerais palavras que suscitam memórias, igualmente eternas, porque vividas. São “provocações para leitores disponíveis a descobertas”.

2
ponta de barriga
ventre oco
estufado
de frutos outonais

Andréia, sem se furtar à expressão da proverbial sensibilidade feminina, não cai na mesmice. Seus delicados versos remontam ao próprio título do volume, neste pequeno excerto. Do conjunto, destacam-se os versos que ecoam a maternidade – talvez perdida, sabe-se lá por que circunstância – na estação d ávida que, geral e popularmente dizem da fragilidade, do fim, da conclusão. Paradoxalmente, seu “ventre” estufa a expressão poética do eterno feminino que, no embate dos gêneros, identifica, se assemelha, se aproxima, sem margens, nem cadeias, como o eco da voz alterosa que revoa sobre as montanhas da primaz.

Coroação
os anjos descem
voando
ladeira abaixo,
no maior escarcéu,
enquanto Nossa Senhora
os espera
pacientemente
na Catedral,
para ser coroada
Rainha do céu.

A infância e a inocência da criança permanecem nos versos de José Sebastião Ferreira. O sentido parece ser o de eternizar a magia da tradição que sobe e desce as ladeiras de Minas. O movimento, agitado como todos os que pontuam a infância, é volátil, mas permanece cristalizado na religiosidade que anima o caráter mais popular dessas mesmas tradições: a fé. Nar-

rativa microscopia que se desenrola em versos, o poeta revive a memória, colorindo o devaneio com a delicadeza da criança e a grandiosidade da fé.

23
duas faces
a porta mesma
intransponível
obstáculo
entre
a casa
e
o
caos

Há quem diga que poesia é a mais pura expressão icônica da linguagem. Há quem duvide. Há quem discuta. Pode haver que não aceite. José Benedito Donadon Leal aposta na livre expressão da palavra poética, sem fugir aos torneios intrínsecos a um fazer – icônico, por que não? – poético que, metonimicamente desafia o olhar mais experimentado. A sombra, em tudo e por tudo refrescante dos *hai kai*, pontifica leve e transparente nos versos do poeta que, renovando o título do livro, abre espaço para experiências poéticas que não se dizem: objeto de tentativas retroalimentadas pelo desejo de... dizer.

Da pedra II
/
limo
ou lesma
//
visco ou palavra
///
sentir
:

Os versos de Gabriel Bicalho criam atmosfera úmida serra que envolve Mariana. A reverberação de sensações táteis e visuais provoca o espírito atento e sensível para a voz que clama por permanência e cuidado. O grito de protesto pelo desperdício e o descuido, ecoa implícito nas rimas internas que repetem sons, na melodia suave enevoadada do poema. Resulta

do trabalho de escavar sentidos, como no percurso desse pequeno poema a fragilidade sólida do verbo poético que, virilmente, suaviza arestas para expor beleza e sensibilidade.

Assim que o movimento começou a dar mostras de sua pujança artística – isso faz mais de dez anos – escrevi um pequeno texto que serviu de apresentação ao volume em que os aldravistas de Mariana apresentavam seus primeiros “manifestos”. Superando a sua herança cultural de projeção e liberdade, eles marcaram uma etapa de renovação no fazer poético de Minas Gerais, expandindo seus horizontes de expectativas para muito além das alterosas. Reproduzo aqui um pequeno trecho do referido texto de minha autoria. A reprodução dialoga com minhas impressões acerca do volume aqui resenhado. O ensejo é o de reafirmar minha convicção na mais absoluta certeza de que o aldravismo veio para ficar.

Na contramão da acepção dicionarizada de aprisionamento, a aldrava, aqui, abre caminhos para um exercício de experimentação que em nada se torna pejorativo, quando observado sob a perspectiva de uma manifestação “regional” de cultura. Regional, sim, sem medo da palavra, pois é exatamente do que se trata, quando se fala do “aldravismo”. A proposição espraiada pelas páginas do volume atesta a fertilidade do pensamento local, sem demérito de seu perímetro cultural, pois, sem ele, nada do que se conhece como cultura haveria de permanecer consolidado ao longo do tempo. A discussão sobre o cânone, as referências à cultura popular – sem, necessariamente, subscrever qualquer das perspectivas dialéticas que esse binômio já suscitou em nosso meio – fazem jus ao caminho trilhado pelos autores que, em seu conjunto, ultrapassam qualquer “classificação”, uma vez que se colocam de maneira aberta e consciente à leitura, num gesto rasgado de abnegação e disponibilidade, traços de generosidade intelectual, raro, em nossos dias.

A antologia poética não deixa de acompanhar o mesmo tom e, em seu conjunto, justifica e exemplifica, ao mesmo tempo, os protestos de manifestação do aldravismo, enquanto uma via peculiar, marcada por uma subjetividade igualmente peculiar que se enuncia em cada verso. Sem entrar no mérito supostamente crítico, arrisco uma opinião pessoal: trata-se de manifestação poética de valor cultural inegável que intriga pela simplicidade e se destaca pela crueza com que desenha o perfil regional de Minas Gerais, de uma maneira, até, original. O trabalho em seu conjunto merece atenção, não apenas por seu conteúdo, o que já seria justificável, mas por sua contribuição a um exercício tão pouco praticado, principalmente, por aqueles que se dizem intelectuais. Assumir essa “identidade” não é jamais manter uma pose, mas

se fazer, concretamente, instrumento de explicitação de idéias e ideais, artísticos acima de tudo, com a convicção de se estar construindo algo que contribua para incentivar a leitura, em seu sentido mais elevado e amplo. Esse é, a meu ver, o propósito aqui, o que, por si só, já justifica a leitura dos textos apresentados no livro *Ventre de Minas*.

O livro, desde seu lançamento, é distribuído gratuitamente, para quem os poetas autores encontram pelo caminho. Os curiosos também podem ser aquinhoados com esse presente, uma pepita incrustada nas terras mineiras, não silente, não adormecida, mas rica de um fulgor caro e intrínseco à poesia: canto que move a existência. Como mais um ponto de partida, este trabalho do grupo de aldravistas de Mariana inaugurou um canto apreendido no ventre das alterosas e rompeu forte de suas próprias entranhas minerais – mais um trocadilho! – ressoando pelo Brasil e pelas lonjuras da África, da Europa e da América do Sul. Parabéns ao grupo. Vamos à leitura!